

SOMNIUM

Ficção
de Roberto
de Sousa
Causo



MAIS:
Ciência
para o
amanhã
Internet

O que é um
Lipograma?
Confira no texto de
Braulio Tavares

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



C.L.F.C.

Índice

Editorial

Saúde para dar e vender 03

O que rola pelo Fandom

Listserver:
FC e Sci-Fi para quem gosta de discutir 04
compilado por Dario Alberto de Andrade Filho

Ciência para o amanhã

Órbitas Planetárias em Sistemas Estelares Múltiplos 07
por Gerson Lodi-Ribeiro
Mars Pathfinder: um ano depois 09
por Hindemberg Alves da Frota

Literatura

Sobre o Lipograma 11
por Braulio Tavares

Ficção

A Arca 11
por Bra. Tava.
Pasta Z - O Caso Graciela 13
por Roberto de Sousa Causo

Ilustrações

Roberto Schima
João de Deus Araújo
Edmilson Correa
Maria de Fátima Brisola Romani

capa, 03, 23
contra-capas, 02
06
08



SOMNIUM

número 69
outubro de 1998

Editorias:

Social e Notícias

Adriana Simon

<asimon@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco

<msbranco@uol.com.br>

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho

<dario@francanet.com.br>

Geral

Cesar R. T. Silva.

<cerito@sti.com.br>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Fimiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

O CLFC realizou em setembro último a sua Assembléia Geral Ordinária de 1998, quando a atual gestão apresentou suas contas e propostas para o ano seguinte. Apenas uma dessas propostas foi aprovada pelos sócios presentes, qual seja, a compra de um aparelho de videocassete para que o CLFC passasse a fazer exibições de filmes e documentários do gênero em todas as reuniões mensais em São Paulo. A reunião de setembro já contou com a exibição de filmes, um pedido antigo de muitos sócios que pode ser finalmente atendido por conta da recuperação financeira do Clube, uma das metas da atual diretoria.

A propósito, o caixa não apenas está recuperado, mas finalmente, depois de muitos anos, disponível para

que possam ser atendidas muitas outras necessidades dos associados, bem como realizarem-se novos projetos nunca antes considerados por causa do déficit crônico ao qual o CLFC foi submetido ao longo de sua existência.

O que falta ainda, entretanto, é o envolvimento dos associados nas atividades do Clube, tanto as lúdicas como as político-administrativas. O comparecimento à Assembléia foi reduzidíssimo, provavelmente o menor de todas as realizadas até hoje.

Também o *Somnium* ressen-te-se dessa estagnação social; ainda que receba alguns contos e artigos, está com uma falta aguda de ilustrações. A maioria das imagens que têm embelezado nossas páginas são

cedidas por outros fanzines. Vamos lá, sócios ativos do CLFC, que tanto têm feito pela recuperação financeira do nosso Clube, pagando suas mensalidades em dia, e sentindo na pele com um *Somnium* com menos páginas.

Também é preciso mais mãos para o trabalho. Apenas o caixa positivo não se transforma em benefícios sem alguém disposto a auxiliar os poucos voluntários que dedicam-se ao Clube. Compareçam às reuniões, mandem suas cartas. Comuniquem-se conosco, sugerindo, reclamando, apresentando projetos e idéias, mandando desenhos, contos e artigos para nossas publicações. Até para que, com alguma folga de material, o *Somnium* possa recuperar as páginas perdidas.

Façamos do ano de 1999 o melhor que o CLFC jamais teve.

O Editor



Listserver:

FC e Sci-Fi para quem gosta de discutir

compilado por Dario Alberto de Andrade Filho

*O Listserver do CLFC é um fórum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, financiado pelo CLFC e coordenado por Gerson Lodi-Ribeiro, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Para esta edição do **Somnium**, selecionamos mensagens postadas no Listserver do CLFC durante os meses de junho, julho e agosto. Os interessados em ingressar na lista devem mandar uma mensagem vazia para: <lista-do-clfc-subscribe@makelist.com>.*

Notas de auxílio à leitura:

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens estão mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma).

As mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, sem alterar o seu conteúdo. Na medida do possível os autores das mensagens estão identificados.

Subject: Charly

Revi depois de alguns anos este domingo *Os Dois Mundos de Charly*, adaptação cinematográfica da novela clássica *Flores para Algernon*. Interessante como poucos fãs notam que esta é uma genuína história de ficção científica. O retardado mental é operado fica inteligente e depois cai de novo no retardamento. Talvez porque a intensidade emocional, existencial e psicológica da história sejam muito densas, profundas mesmo. Não que a boa FC não possa ter tudo isso e ser FC. Apenas que os críticos de cinema e literatura mainstream acham que “supera os limites do gênero”. Pfiu. (...)

Marcello Simao Branco

Subject: Re: Charly

(...) o filme é *muito* bom. Não tanto quanto a novela (não li o romance) mas, mesmo assim, muito bom. (...). O final da novela é extremamente pungente, porque ela é narrada na primeira pessoa e a gente vê a deterioração do cérebro do protagonista se instalar de novo (...). O filme prefere optar por um final brusco, chocante, que é igualmente eficiente. Não chega a ser um dos maiores filmes de todos os tempos (...), mas assisti-lo é uma experiência, sem dúvida.

Lúcio

Subject: Contato e os Bilhões

Contato é um competente filme de FC. Um dos melhores dos anos 90, o que não é realmente grande coisa. Esta década rivaliza com a dos 40 como a pior na história do cinema de Fc. (...) Sobre o *Bilhões e Bilhões* eu estou lendo. E estou gostando.(...) é um livro mais aberto em temas, mas cada vez mais cético e duro com relação aos misticismos e crendices que o Sagan tão bem combatia. (...) Mas pela variedade de assuntos, (...)vale a pena ser lido. Marcello.

Subject: Contato

... Sagan, porém, acabou sendo mais maníaco que seu personagem ao insistir naqueles dois estereótipos surradíssimos — a cientista-que-vive-para-a-Ciência e o líder religioso bonzinho e sedutor — que fazem o happy-end “Os Opostos Se Atraem.” Isso é coisa de filme B, literatura B, pulp writer (...)

—Ataide Tartari

Subject: O Cemitério

Ainda sob efeito do impacto do fim de *O Cemitério* escrevo estas linhas. (...) Sempre ouvi falar que este era um dos melhores romances de King, talvez até o melhor para alguns. Finalmente li e taí: o que eu faço agora? (...) Este livro é terror em estado puro. A narrativa, as cenas, o perfil psicológico dos personagens, o “simitério” de bichos e o de micmac são reais demais para serem *só* ficção. Mas é. E talvez isto seja o mais aterrador de tudo...

Marcello.

Subject: Re: O Cemitério

IMHO o Cemiterio e o melhor romance de terror ja escrito, (...)King ja declarou que foi o mais depressivo dos romances que ja escreveu (...) sinceramente foi o livro mais angustiante que ja li em minha vida e ate hoje nao encontrei um romance de terror mais intenso que este (...)

Ramon Bacelar

Subject: O Cemitério e as grandes histórias de terror

(...) As melhores histórias de terror não me parecem impressionantes apenas pelo ritmo, pela temática mais óbvia (por exemplo: Drácula é um morto-vivo que chupa sangue) ou pelo cenário, mas sim pela sub-trama, aquilo que se esconde por trás e que nos faz (re)ver o que temos mais medo em nossas vidas ‘medíocres’. (...) ‘Pet Sematery’ é um compêndio de tudo que pode acontecer de ruim num casamento e na formação de um núcleo familiar. (...) O medo não é o desconhecido, mas sim aquilo que queremos ignorar. (...) E são esses medos que King explora muito bem.

Octavio

Subject: Fim de X-Files Decepciona

Eu acompanhei mais o primeiro e segundo ano da serie. A serie era mais simples, menos paranoia com conspiracao do governo, e o que eu gostava bastante eram os capitulos

com histórias independentes, como por exemplo, aquele sobre o homem que procurava as gordinhas pela Internet, (...) Fernando Firpo

Subject: Re: Fim de X-Files Decepciona

Também acompanhei basicamente o primeiro e o segundo anos da série. A partir do terceiro, quando deram a entender ao público que a teoria conspiratória de fato ocultava uma conspiração verdadeira, perdeu um pouco a graça para mim(...) Fábio Fernandes

Subject: arquivo X - o filme

O longa-metragem de Arquivo X nada mais é do que um grande seriado com custo de superprodução, novos personagens e gancho para a próxima temporada. Para os excers ele é delírio puro, mas como filme de Fc ou Sci-Fi (como queiram) é fraco e bobo. O roteiro deixou muito a desejar. Mesmo quem conseguiu acompanhar numa boa não deve ter entendido muita coisa.

Fábio Barreto

Subject: Arquivo X - O Filme

(...) Queria que soubessem que sei que vcs fas de FC em geral, nao gostam de ST, mas devem levar em conta, que graças a essa série, a FC foi difundida entre as massas, quebrou preconceitos que muitos tinham pela FC, o criador da série recebe premios por atos pela humanidade (...) Quanto aos uniformes, acho que nossa sociedade precisa perder seus preconceitos (...) Algum de vocês já foi a Nova York? As pessoa se vestem de maneira tao bizarra e diferenciada por lá que um trekker nao chamaria a atencao de ninguem! (...) E se tudo isso nao bastou para convencer, saibam que o direito de expressão é garantido por lei nesse país!

Thiago

Subject: Trekkers e trekkers

Existe gente fanática por futebol, por card games, por bandas de death metal, pelo cristianismo, e por tantas outras coisas que ficaríamos anos discutindo, sem chegar a lugar algum. (...) Não tenho preconceito algum contra Star Trek, tanto que participei de outras convenções, gosto muito de todas as séries (...). O que não dá pra engolir, é essa história de que Star Trek é a oitava maravilha do mundo. (...) O que não entendo é o motivo pelo qual alguns fãs dessa série acham que todo mundo deveria concordar com eles. A coisa chega num ponto em que, se você discorda de um fã, por mais sensata que seja a sua argumentação, você é tachado de tapado. Star Trek é uma série legal, nada além disso (...) Rogério Mendes

Subject: Rock'n roll all night and FC everyday!

Nós vivemos falando/escrevendo aqui sobre FC em TV, livros, cinema, HQ e desenho animado, mas nunca ouvi/li/vi ninguém escrevendo sobre FC na música. Cês conhecem FC em disco? Não voador, é claro, mas em CDs, mesmo. Neil Peart, do Rush, é um dos melhores letristas de FC do mundo! (...)

Octavio

Subject: Re: Rock'n roll all night and FC everyday!

Achei muito interessante a discussão unindo rock e FC. Ainda mais que não concordo com a idéia (...), de rock só

deve falar de garotas e carros. (...) Mas ligando o assunto com a FC, o Rush tem um trabalho que eu acho espetacular, 2112. Pra mim é até o ápice do Rush, porque, na minha opinião foi onde ele mais soube equilibrar música (prog+heavy) e literatura/referências literárias. (...)

Marcus Chevitarese

Subject: Re: Rock'n roll all night and FC everyday!

O rock brasileiro também tem prestado um tributo legal à fc, especialmente com os Mutantes e, recentemente, com o Chico Science & Nação Zumbi. No caso dos Mutantes, todos os três eram leitores fanáticos da Argonauta e o próprio nome do grupo saiu do ... *O Império dos Mutantes*, do Stefan Wul. Várias músicas do grupo, especialmente "Dois Mil e Um", incorporam a temática da ficção científica (...)

Lúcio

Subject: O Cromossomo Calculá

Gostei muito do livro, até pela velocidade e interesse da leitura. Os personagens pouco caracterizados são próprios do tipo de literatura pós-modernista que o autor faz, assim como o final pouco conclusivo e enigmático, a reinvenção da história da ciência, e a conspiração secular que envolve o Murugan. Não é que ele falha em explicar — é que ele não *quer* explicar.

Roberto de Sousa Causo

Subject: Re: O Cromossomo Calculá

Mas "este tipo de literatura" ao não caracterizar bem os personagens, deixar pontas soltas na narrativa e ter um final inconclusivo, é falha como uma boa história. (...) Ao menos para um tipo de literatura que privilegie a boa narrativa e o enredo. Para outras em que este aspecto não é preponderante, talvez se encaixe. Mas que é uma insuficiência é. Marcello.

Subject: Stars Are My Destination

ALLguem poderia dizer algo, pro ou contra, do livro do Alfred Bester citado no subject?

Felipe

Subject: Re: Stars Are My Destination

(...) os dois livros de Bester, este (...) e *O Homem Demolido* são talvez os primeiros livros de FC a transpor para a literatura um pique narrativo pop: uma estética de cortes bruscos e movimentação intensa, personagens bizarros e situações-limite, pirotecnia verbal permanente, e rasgos de suspense e de aventuras dignos dos melhores folhetins. (...) Outros usaram esse elementos antes, mas Bester foi o primeiro a criar em rápida sucessão dois petardos fulminantes, apontando uma direção, e sendo citado como precursor tanto pela New Wave dos anos 60 quanto pelos cyberpunks dos anos 80 (...)

Braulio Tavares

Subject: As you know, Bob

Lamento ter que quebrar a unanimidade em torno do livro do Causo, (...). Tenho certeza que, se tivesse procurado entre seus manuscritos, o próprio Causo teria encontrado

uma história melhor do que esse pastiche de *Além da Imaginação*, que parte do nada e chega em lugar nenhum, deixa tudo em aberto (...) e, pra piorar, é inteiramente escrito em dublês, aquele português de filme americano dublado no SBT. (...) o estilo é quase o daqueles livrinhos da Argonauta destraduzidos pelo Eduardo Saló. (...)

Lúcio

Subject: Re: As you know, Bob

“Disconcordo”, Lucio. Por um lado, o do plot, acho que a história se apresenta e se resolve de maneira satisfatória. O final aberto, sem a elucidação do mistério do que “realmente aconteceu”, pode não ser pós-modernista, mas é típico de seriados como *Quinta Dimensão*, *Além da Imaginação* e *Arquivo X (...)* Por outro lado, concordo com a tua queixa sobre a presença de “dublês” (português de filme dublado) no texto de Causo. (...) Meu veredito final (respire fundo, Causo) é que a história é plenamente satisfatória como aventura fantástica, com uma descrição

convincente(...) dos procedimentos aviatórios, etc (...).

Braulio Tavares

Subject: FCB para o Brasil

(...) Nao me parece que qualquer editora brasileira vah publicar moderna FC assim, sem mais aquela, e dar certo. Porque nao dah. (...) Minha atitude nao eh por uma FC moderna no mercado editorial brasileiro, mas por uma FC brasileira no Brasil. Os estrangeiros que se lixem, velhos, novos, vivos ou mortos, passo bem sem eles. (...) Nao estou defendendo reserva de mercado, (...), porque como eu disse, que o editor decida por si o que deve publicar e agunte as consequencias com seus patroes. (...) Porisso acho uma coisa um tanto tonta ficar aqui defendendo esta ou aquela literatura estrangeira, porque nao ha nenhum sentido nisso. Eu gostaria eh de ver nas livrarias uma boa quantidade de literatura fantastica de autores brasileiros. (...)

Cesar.



Órbitas Planetárias em Sistemas Estelares Múltiplos

por Gerson Lodi-Ribeiro

A maioria dos sistemas estelares existentes na Via Láctea e, presumivelmente, nas demais galáxias, constituem-se não de uma estrela simples rodeada por seus planetas, mas ao contrário, de sistemas binários ou de ordem superior. Uma estimativa conservadora advoga que pouco mais da metade dos sistemas estelares existentes são múltiplos. Contudo, apesar de representarem um material de estudo abundante, os sistemas múltiplos sempre foram ignorados pela ciência dita séria quando se tratava de selecionar estrelas com probabilidade de possuírem planetas e, particularmente, possuírem mundos nos quais a vida poderia se originar e evoluir.

Não obstante esse desprezo, muitos autores de ficção científica propuseram a existência de mundos repletos de vida alienígena em sistemas estelares binários, ou mesmo em sistemas de ordem superior.

O argumento utilizado pela ciência para justificar essa atitude foi o de que as órbitas planetárias seriam instáveis: os planetas seriam ejetados do sistema múltiplo ou, caso tal não ocorresse, suas órbitas sofreriam perturbações intensas a ponto de impossibilitar o surgimento de condições adequadas à origem ou à manutenção da vida. Por isso, os sistemas múltiplos não foram considerados interessantes ao que diz respeito à SETI (*Search for Extra-Terrestrial Intelligence* - Busca de Inteligências Extraterrestres). Contudo, o argumento deve ser examinado mais detidamente.

Duas questões devem ser consideradas *a priori*. A primeira versa sobre a estabilidade das órbitas planetárias num tal sistema. Deve-se procurar descobrir se esta é suficientemente elevada para permitir que a vida se desenvolva. A segunda questão diria

respeito à possibilidade de formação de planetas nesses sistemas.

Estabilidade Orbital:

Antes de abordar a primeira questão, deve-se explicitar o que se entende por estabilidade orbital. Uma órbita é dita estável se não existirem variações significativas em seus parâmetros característicos, i.e., seu eixo maior (maior distância do planeta à estrela primária) e sua *excentricidade* (coeficiente que mede o quão pouco circular é uma órbita). Na prática são ditas estáveis as órbitas de baixa excentricidade.

Em defesa da possibilidade de existência de formas biológicas superiores em planetas orbitantes em torno de sistemas múltiplos, Robert S. Harrington, do U.S. Naval Observatory, realizou um estudo de simulação estatística sobre uma grande quantidade de sistemas de três corpos, onde um desses era de dimensões planetárias e os outros dois, corpos de dimensões estelares. Estes sistemas múltiplos hipotéticos foram integrados numericamente, tendo suas estabilidades estimadas em termos qualitativos. Este trabalho veio a mostrar que as órbitas planetárias em sistemas binários podem ser invulgarmente estáveis, desde que ocorra essencialmente uma das duas situações seguintes:

1. Planetas orbitantes em torno de uma das componentes. A outra estrela seria apenas uma influência perturbadora distante. Seria o caso das binárias visuais, sistemas estelares duplos cujas componentes podem ser individualizadas com o auxílio de telescópios ópticos. Segundo os cálculos de Harrington, se no Sistema Solar, Júpiter fosse substituído por uma estrela de 1,0 MS (massa solar), isto não perturbaria significativamente as órbi-

tas dos três planetas mais interiores. Nesses casos, o planeta em questão tem órbita estável, de acordo com as definições anteriores, se a razão entre as distâncias à estrela mais afastada e à mais próxima for de 4:1 no mínimo. Não é exatamente o caso de *2010 - Uma Odisséia no Espaço II*, de Arthur C. Clarke, onde Júpiter é transformado numa sub-anã vermelha graças à elevação abrupta e extrema de sua densidade, embora não possuísse massa inicial suficiente para disparar o processo de ignição termonuclear comumente associado ao nascimento de estrelas *naturais*.

A situação 1 é normalmente abordada quando os sistemas múltiplos aparecem nos trabalhos de Ficção Científica: o autor coloca dois ou mais sóis nascendo e se pondo em ocasiões distintas nos céus de um mundo fictício. Obviamente, este orbita apenas um deles. Situações pouco plausíveis, baseadas em movimentos orbitais erráticos, também costumam surgir na FC, como é o caso da noveleta clássica de Isaac Asimov, "Nightfall" (1941).

2. Planetas orbitantes em torno de uma binária muito cerrada. Do ponto de vista gravitacional, ambos os componentes do sistema seriam interpretados pelos planetas orbitantes como sendo essencialmente um objeto único. O afastamento entre os dois astros não deveria ser sensivelmente maior do que 0,2 U.A. (*Unidade Astronômica*: distância média da Terra ao Sol, aproximadamente igual a 149,6 milhões de quilômetros).

Esse é o caso das binárias espectroscópicas, sistemas estelares duplos cujas componentes só podem ser individualizadas pela análise de suas linhas espectrais. Se no centro

de nosso sistema, em lugar do Sol houvesse duas estrelas de 0,5 MS cada, afastadas entre si por uma distância de 0,2 U.A. e cujas órbitas em torno de um centro de massa comum possuísem uma excentricidade não superior a 0,5, a órbita do planeta Mercúrio se tornaria instável e esse mundo acabaria escapando do nosso sistema. As órbitas dos demais planetas, no entanto, quase não sofreriam alterações.

A situação 2 não surge freqüentemente em enredos de Ficção Científica. Ao menos, este autor não se recorda de nenhum argumento no qual uma personagem situada numa superfície planetária admire o nascer ou o ocaso de uma binária cerrada.

Os exemplos explicados acima apontam para a existência de regiões orbitalmente estáveis em sistemas estelares múltiplos. Caso a zona habitável (*ecossfera*) do sistema estelar em questão se localize dentro de uma dessas regiões, um planeta por ventura existente no interior da mesma poderia ser capaz de abrigar vida. Observa-se que a problemática inerente à correta identificação de uma *ecossfera* (temperatura superficial; evolução estelar, etc.) também se aplicam aos sistemas múltiplos. Se um dado sistema não possuir uma *ecossfera* estacionária no tempo e no espaço, as considerações abordadas acima se tornam, em termos xenobiológicos, irrelevantes.

Formação Planetária:

A segunda questão é a mais séria. Poderiam os planetas se formar no interior de um sistema múltiplo? O modelo de formação planetária mais aceito correntemente é o que se baseia na condensação de partículas numa nebulosa protoestelar. Ao contrário das teorias anteriores, esta tese encara a formação de planeta como um fato normal na vida de uma estrela.

Anteriormente, assumia-se tacitamente que o que ocorria em sistemas simples também seria aplicável aos sistemas múltiplos. No entanto, os resultados do primeiro estudo detalhado sobre o assunto, efetuado por T.A. Heppenheimer, mostraram que essa generalização inicial havia sido demasiadamente otimista.

No interior de uma nuvem de partículas orbitante em torno de uma protoestrela ocorrem colisões muito freqüentes entre essas partículas. Se a velocidade relativa com que essas colisões se dão for reduzida, as partículas tenderão a permanecer juntas após o choque. Visto em macroescala, a soma de muitos desses pequenos choques incrementais culminará eventualmente na formação de sólidos de dimensões planetárias. Contudo, se a velocidade colisional for elevada, as partículas e sólidos tenderão a se fragmentar, impossibilitando o processo de formação de planetas.

Para uma estrela simples, com seus *planetesimais* (sólidos de pequenas dimensões capazes de, sob certas circunstâncias, se agregarem para formar planetas) em órbitas essencialmente circulares, o mecanismo de acreção descrito acima funciona bem. No entanto, para um sistema binário ou de ordem superior, as partículas orbitantes em torno de uma das componentes sofreriam perturbações gravitacionais devido à influência da outra. Essas perturbações produziriam aumentos seculares nas velocidades das partículas. Heppenheimer concluiu que, para a formação planetária num sistema múltiplo, a estrela ao redor da qual orbitariam os planetas deveria distar no mínimo 50 U.A. de sua companheira mais próxima.

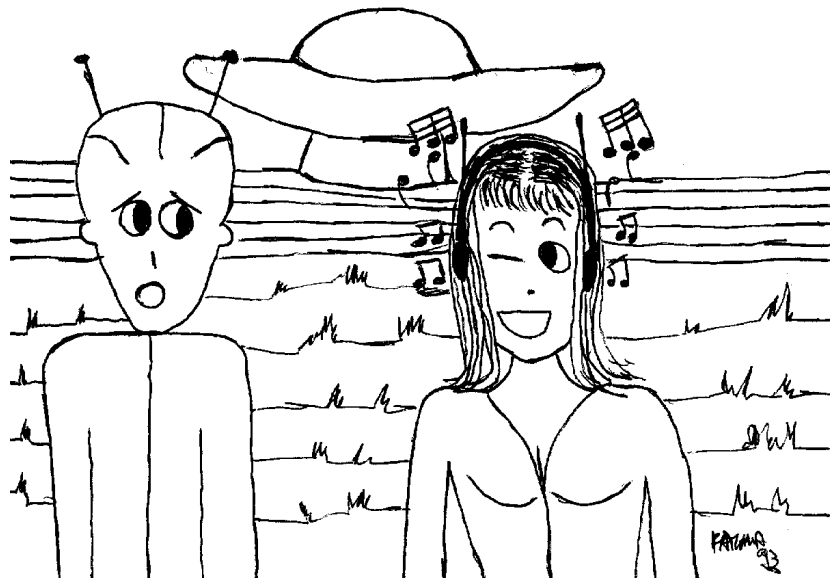
Harrington contra-argumenta que os cálculos de Heppenheimer não levaram em consideração as massas das partículas sujeitas às colisões. Levando essas massas em conta, considerar-se-ia também a atração gravitacional recíproca; fenômeno este que minimizaria o efeito da fragmentação, intensificando o processo de acreção.

Deve-se observar ainda que o estudo de Heppenheimer, mesmo se interpretado em sua forma mais pessimista (i.e., desprezando-se a massa das partículas), não inviabilizaria a formação de planetas nos sistemas binários cerrados, abordados na situação 2.

Em resumo, os argumentos de Harrington colocam claramente os sistemas estelares múltiplos como possibilidades para os esforços relacionados à SETI. Ainda que existam incertezas no que diz respeito à quantificação exata dessas possibilidades, as mesmas não deveriam ser *a priori* excluídas.

Referências:

Harrington, R.S.: *Planetary Orbits in Binary Stars*, **Astronomical Journal**, 82, 753-756 (1977);
Heppenheimer, T.A.: *Outline of a Theory in Binary Systems*, **Icarus**, 22, 436-447 (1974).



Mars Pathfinder: um ano depois

por Hidemberg Alves da Frota
e-mail <fnol@netium.com.br> URL: www.netium.com.br/FNOL

Perspectivas para o futuro da exploração de Marte e uma retrospectiva do legado da missão espacial norte-americana.

Nessa mesma época do ano, em 1997 começava uma nova página na exploração de Marte.

Deu na *Folha de S. Paulo* de sábado, 5 de julho de 1997: “Sonda americana Mars Pathfinder pousa com sucesso em Marte. Às 14h07 (horário de Brasília) do dia anterior (4 de julho, o dia da independência dos Estados Unidos) a NASA (a agência espacial norte-americana) retornava ao Planeta Vermelho por meio da aterrissagem da Pathfinder, 21 anos depois das pioneiras Viking 1 e 2 terem chegado lá.”

Para começar, de lá a Pathfinder fez algo pela NASA só igualado pelas caminhadas na Lua dos astronautas das missões Apollo: cativou e mexeu com as pessoas em todo globo (particularmente nos EUA), que acompanharam ao vivo pela TV e pela Internet a descida da sonda a Marte.

No decurso daquela viagem exploratória as páginas eletrônicas da NASA na Internet foram invadidas por milhares de usuários da Rede, ávidos por novas fotos e vídeos enviados pela sonda e animações gráficas sobre a missão cedidas pela agência espacial. Em poucos dias as visitas às suas home-pages ultrapassaram a marca de um milhão. Assim como a NASA, fábricas de brinquedos começaram a comercializar merchandising, a exemplo de réplicas do robô Sojourner (que chegou a Marte junto com a Pathfinder). Na Disneyland, criaram atrações especiais sobre a missão. Escolas americanas passaram a fazer feiras e projetos de ciência voltados para a Pathfinder e o Sojourner.

E mais importante: lavou a alma dos cientistas da NASA, com o moral baixo desde o fiasco da Mars Observer, que perto de entrar na órbita marciana se desgovernou e se perdeu no espa-

ço. Isso aconteceu precisamente 4 anos antes da Pathfinder iniciar seu trabalho em Marte.

Além de muita propaganda institucional e duma considerável melhora na auto-estima dos pesquisadores e técnicos da agência espacial, qual foi a colaboração científica e tecnológica da missão?

Ficou claro que (1) as mudanças climáticas e a água corrente de outrora influenciaram o atual clima desértico de Marte e (2) a cor de Marte não é realmente vermelha e sim a de uma *butterscotch*, um tipo de bala feita de manteiga e caramelo.

Duas conclusões dadas pela Pathfinder facilitarão o futuro desenvolvimento de novas sondas para explorar Marte: são nuvens (e não nevoeiros) que obscurecem a superfície do Planeta Vermelho pela manhã e a poeira marciana interfere no funcionamento dos painéis solares das sondas.

A missão provou que é possível uma sonda espacial aterrissar diretamente em Marte, usando *airbags* (bolsas de ar) e quicando até parar, para enfim acionar um robô sobre rodas, no caso o Sojourner, que foi despertado (dentre outras músicas) pelo samba *Coisinha do Pai* (iniciativa da pesquisadora brasileira que integrou a equipe de cientistas da NASA). Aliás, esse foi o primeiro veículo semi-autônomo a tirar fotos e realizar experimentos científicos via controle remoto (ou seja, sendo comandado da Terra) na superfície doutro planeta que não fosse o nosso.

Foram confirmadas as grandes variações de temperatura na superfície marciana, mas o perfil de temperatura levantado pelo Telescópio Espacial Hubble foi contradito. Também houve outra contradição: as rochas encon-

tradas na área de pouso da Pathfinder eram quimicamente diferentes daquelas achadas na Terra, vindas de meteoritos marcianos.

O legado científico deste empreendimento consistiu numericamente em 16.500 imagens, 2,3 bilhões de bits de dados, 8,5 milhões de medições de temperatura e pressão atmosférica e 16 análises químicas do solo e das rochas da sua superfície.

Considerada um sucesso completo, tendo enviado quase o dobro dos dados previstos, a missão Pathfinder já tinha dado o seu recado em agosto de 97. Em março de 98 foi declarada sua morte oficial pela equipe do Laboratório de Propulsão a Jato, o JPL de Pasadena (Califórnia), onde foi ela concebida e monitorada à distância.

Rebatizada como Memorial Carl Sagan, em homenagem ao cientista que participou de sua construção, mas não chegou a vê-la andando no Planeta Vermelho, hoje a Pathfinder permanece fora do ar em meio a pedregulhos marcianos, junto com o robô Sojourner, a espera de que, um dia, astronautas os resgatem e, quem sabe, tire-os do sono eterno.

E agora, qual o futuro da exploração de Marte?

A Mars Surveyor continuará durante os próximos dois anos mapeando o globo marciano.

No dia que a chegada da Pathfinder em Marte fez um ano (4 de julho), do Centro Espacial Kagoshima levantou vôo um foguete carregando consigo o Planet B, chamado agora de Nozomi (Esperança). A sonda japonesa atingirá a órbita marciana em outubro de 99 e será responsável pelo exame da atmosfera do planeta, incluindo análises sobre a influência dos ventos solares e das tempestades de areia.

Entretanto, a crise econômica nipônica obrigou o governo japonês a arquivar os planos da NASDA (a agência espacial japonesa) para enviar um robô a Marte em 2002, que colheria amostras rochosas e voltaria para a Terra. Uma missão norte-americana semelhante, que seria realizada pela NASA em 2001, também foi cortada recentemente por contingências orçamentárias.

Por enquanto nos resta esperar, lem-

brando algumas sábias palavras do Bom Doutor, Isaac Asimov (1920-1992):

“Finalmente, dia virá em que os seres humanos estarão sobre a superfície de Marte, investigando-a por si próprios, como já o fizeram no caso da Lua. O dia que estaremos em Marte talvez não esteja próximo e não aconteça antes de os seres humanos terem estabelecido bases na Lua e construído estações no espaço. Mas

se a civilização continuar, este dia certamente chegará.”

Na Internet mais informações em:
<<http://www.cnn.com/mars>> da televisão CNN só sobre Marte;
<<http://cmex-www.arc.nasa.gov/>> do Centro de Exploração de Marte da Universidade do Arizona;
<<http://mpfwww.jpl.nasa.gov/>> site do Laboratório de Propulsão a Jato sobre a missão Pathfinder.

COMPRE, LEIA E COLABORE TAMBÉM COM OS DEMAIS FANZINES BRASILEIROS!

• **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço**: Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto**: Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suiça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Intrepid**: Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Lançamento caprichado dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. É um importante pólo do fandom gaúcho.

Rua Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Starlog Brief**. Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar os principais artigos da *Starlog* americana. Vale mais que a versão nacional oficial. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica**: Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*. Traz resenhas de livros estrangeiros e comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• **Fábrica de Fanzines**:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo, Rua Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010:

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Primeiro fanzine brasileiro especificamente voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. O mais crítico e polêmico zine de ficção científica do País. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre Perry Rhodan e Space Opera. Traz artigos sobre a série alemã de FC e sobre *Star Wars*, ilustrações e o prólogo de uma noveleta de FC.

Um lipograma é um texto no qual foi deliberadamente omitida uma ou mais letras do alfabeto.

"Senhor Editor:

Foi muito bom o sr. ter decidido incluir esse meu conto meio doido no próximo número do nosso semiprozine *Somnium*."

A frase anterior é um lipograma em "a", a letra mais freqüente do nosso alfabeto.

Quando eu era garoto, lipogramas apareciam com freqüência em revistas de palavras cruzadas, charadas e quebra-cabeças. Geralmente alegavam algum pretexto ficcional para terem sido escritos assim. Havia a história do tipógrafo que perdia uma caixa com uma determinada letra, ou de uma dactilógrafa que tinha de redigir uma longa carta comercial numa máquina onde uma tecla estava imprestável, etc.

Tentativas literárias, ao que me

consta, não são freqüentes. Segundo Scott Broderick, na *Encyclopedia of Science Fiction* (ed. John Clute & Peter Nicholls, 1993) em 1939 saiu um romance intitulado *Gadsby*, de Ernest Vincent Wright, onde não aparece nem uma vez a letra "e", a mais freqüente da língua inglesa. Esta façanha foi igualada em 1969 por Georges Perec com seu romance *La Disparition*, onde o mesmo "e" se encontra ausente. Quem arranha algum francês pode enumerar rapidamente nos dedos uma porção de becos-sem-saída onde o autor está se colocando, perdendo o acesso, por um passe de mágica, a vastas extensões do dicionário.

Há uma história de Damon Knight na coletânea *One Side Laughing* (1991) sobre um mundo de onde a letra "o" desaparece, mas como não o li não sei se a história chega a ser um lipograma.

Existe um tipo mais radical de lipograma que envolve a supressão de mais de uma letra. Suponhamos que além de suprimir o "e" fazemos o mesmo com o "i", o "o", e o "u". O resultado é chamado de monovocalismo.

Perec é autor de um interessante monovocalismo intitulado "What a Man!" Apesar do título, é escrito em francês, e conta uma complicada aventura envolvendo personagens que se chamam Andras MacAdam e Armand d' Artagnan.

Outro escritor, Jacques Jouet, resolveu dar o troco a Perec e retraduziu seu conto para uma versão intitulada "L'Ostrogoth", onde os personagens são Doc'Job e Tom von Porthos.

Um lipograma que omita uma mera consoante poderá ficar virtualmente despercebido durante séculos, até que alguém resolva checar esse detalhe.

A Arca

Bra. Tava.

1. ANNA

A lâmpada alaranjada lança marcas claras na varanda.

Atrás da jarra, a aranha arrasta as patas largas, à caça das baratas.

A sala abafada traz a vaga carga malsã das cabanas fantasmas na mata, da câmara sagrada das Parcas.

Anna abraça a manta amarfanhada...

Passam almas danadas, a vagar nas garras aladas da manhã; arrastam franjas rasgadas — plasma, massa branca rasgada nas farpas das arcadas.

Lá, atrás da sacada da varanda, há...

A Arca das Almas.

Má.

Calada, parada, mas... má.

— Abra-a, — canta a fala abafada da Fada-Carrasca.

(Anna traz a Fada nas falhas da alma. Ratazana, jararaca, dragã... Matá-la?)

Nada.

Anna cala, cansada.

— Abra-a.

A Arca! Altar para Satã. A canastra das carrancas, das larvas sacanas...

Anna abraça a garrafa. A fraca talagada traga a calma!

A tragada passa na garganta. "Arda. Arda."

A Fada (harpa farpada!) fala:

— Anna, na Arca há a Paz. As vagas da alma, aplacadas... As graças passadas, mas marcadas na massa carnal... Anna, abra a alma!...

Anna rasga as malhas, as capas... Na lâmpada-maga da alma, passam (zás-trás!), brasas âmbar, as baladas antanhas...

2. FLASH-BACK: ALAN

A caça à Pasárgada da Transa: carnaval... máscaras... balangandãs... sambas, brahmas, cachaças... andar às “azaras”...

Canal da Mancha: a lancha passa... as vagas passam... as barcas atracam.

A tal barca, lá na França... Alan, rapaz sagaz, passa... pára... ala... abraça... Valsam. Anna, mal-amada, acha a Graça das Graças: Alan a “traça”. Anna gama. Ama.

Granada!... As amplas salas nas Alhambras: Allah ampara as almas. Tâmaras, maçãs; caravançarás, Ramadãs.

Calanda: bandas nas calçadas, a marcar rataplãs...

Casablanca: a balada cantada para a dama... as caravanas da alma... Saaras...

As marcas da dança-macabra nas “ramblas” catalãs...

Alan fala.

“Alan? Avatar das raças passadas. Apaga-brasas para Abraxas, para as Tantras, as Shambhalas! Às falas claras: Czar! Papa! “Starman”! Camarada capaz na face, parada para A. Matraga! As clavas, as adagas, as armadas bárbaras arrasadas: Ankhara... a Lankhmar!... Galahad à cata a cada Graal, as Armas cátaras massacradas nas batalhas, a máscara sagaz da Cabala...”

Alan dá a Anna as palavras-magnas, as marcas sagradas: mantra... sansara... Shazam...

Mas...

Alan dá marcas para Marajá na “alta”: casaca farta; caga para a marca das más gravatas; fala às claras; traz capangas; abala a banca, rasga a máscara, dá a cara à tapa. Arrasa.

Malas... Arkansas. Malas, malas... Canadá. Malas, malas, malas... França. Malas, malas, malas, malas... Anna acaba na Barra: “karma” das “barangas” transplantadas.

3. A ARCA

Plaft!

A fala da Anja-Madrasta.

— Abra-a.

A Arca jaz na varanda. A Catarata das Almas Trancadas!... Ah... acabá-las... à face, à bala, à pancada... arrasá-las, largar as manchas nas pranchas da barca das Parcás!

Nada. A Naja-Santa fala: fala cavada.

— Abra...

Arfa, às vascas:

— Abra-a...

Calma. Calma, Anna. A Maga-Má... abalada? Fraca?

Anna arrasta as alpargatas, anda para a varanda.

Pára.

Afasta a tranca... alça a tampa da Arca.

Ahá!..

Abracadabra!

A vaga das AbantasmaS avança!

Garras, asas, patas! A raça das Cabras-Satãs! Arrancam, para abalar a alma da Anna! A Tantra Malvada arrasta as traças malsãs: Calamar nas malhas pandas das rãs pragmatas... Chaga fractal na malha da Mandala... Lagartas nas cascas das plantas, para a acabar a Nata da mata: jacarandás... Fanfarras tártaras a massacrar raças pagãs!...

A Fada fala. As palavras amargas, nas aspas: atarracadas, ágrafas, à la antraz...

— Anna... Na Arca. Alan.

Alan?!

A carcaça, largada, lá.

A capa rasgada; a face cravada na garganta.

* * *

PASTA Z

O Caso Graciela

por Roberto de Souza Causo

BRASÍLIA, D.F., 8 DE FEVEREIRO DE ...

Vou conhecer amanhã meu novo assistente, destacado pelo secretário Meriano Sampaio. Trata-se do capitão da Aeronáutica Amaro Macedo, veterano do PARA-SAR, mestre em artes marciais — aparentemente Sampaio me arranjou um guarda-costas de luxo, agora que minha “seção” está obrigada a se reportar diretamente à Presidência.

Primeiro uma sala nova, um computador e periféricos novos, e agora um militar de carreira como “sidekick” — me pergunto se isso significa que vão tomar à sério meu trabalho, agora, e se alguma coisa realmente vai mudar...

Maria Andreau fechou a pasta do capitão Macedo e se levantou. Alisou as calças do *blue jeans* que vestia as suas pernas longas, e passou os polegares na cintura, para conferir que a camiseta azul marinho que usava estava bem presa na cintura. Ao sair, apanhou o *blaser* cinza com o crachá, e o vestiu. Então lembrou-se de alguma coisa e voltou até a sua mesa. Apanhou a pasta e saiu.

Pensava em ir até a sala do secretário Mariano Sampaio, queixar-se do atraso do capitão, mas no corredor viu um homem vestindo a farda azul da Força Aérea, marchando em sua direção.

Era mais baixo que ela — que tinha um e setenta e cinco de altura —, mas havia qualquer coisa schwarzeneggeriana nos músculos que recheavam a farda. Seus passos eram largos e ao passar pelas portas no corredor, ele as checava com movimentos rápidos de cabeça, como os comandos de “olhar-à-direita” ou “olhar-à-esquerda”.

Ao passar por ela, mediu-a de cima à baixo, mas era um olhar de homem para mulher, e não de alguém que procura reconhecer sua fisionomia.

—Posso ajudá-lo? —ela perguntou.

Ele deteve a marcha e voltou-se para ela.

—Oh, obrigado —disse. —Sou o capitão Macedo. —Tinha uma folha de papel na mão. Olhou para o que tinha escrito nela, rapidamente. —Tenho que me apresentar na sala vinte-e-oito.

Maria fez que sim com a cabeça. Macedo levantou uma das mãos e apontou para a porta atrás dela.

—Esta é a sala vinte-e-oito —ele disse, com um sorriso embaraçado.

—Você não a viu porque eu estava na frente.

Macedo inclinou-se para adiante e cerrou os olhos, mirando o crachá de Maria.

—Senhora... André-au...

—A pronúncia é “Andrô”, capitão, e não *André-au* —ela disse, tirando uma mecha de cabelo louro do rosto. —Um distinto nome francês.

Maria apontou para a porta.

—Queira fazer o favor de entrar, capitão Macedo. O secretário Sampaio deve se unir a nós, em mais alguns minutos.

Macedo engoliu o que parecia prestes a dizer, fez uma mesura discreta, e entrou, removendo o quepe da cabeça para revelar cabelos castanho-claros, tão espetados que pareciam uma horta de cebolinhas plantada em seu couro-cabeludo, e colocando o quepe debaixo do braço direito. “É canhoto”, Maria pensou.

Viu-o percorrer com os olhos o seu novo escritório. O computador Compaq bege ainda sem poeira nos teclados, os quatro armários de aço, as estantes cheias de pastas e livros. O militar se aproximou de uma das estantes. Semicerrando os olhos, leu os títulos nas lombadas. Automaticamente, Maria também leu alguns dos títulos —*The Ufo Experience: A Scientific Inquiry*, de J. Allen Hynek, *Situation Red: The UFO Siege*, de Leonard Stringfield, *El Misterio de Los OVNI*, de R. Jack Perrin, *Os Discos Voadores (Fantasia e Realidade)*, do Comandante Auriphebo Berrance Simões, e *O Enigma dos Discos Voadores ou A Maior Interrogação do nosso Tempo*, de Hugo Rocha, dois títulos de 1959 que ela herdara de seu pai.

Retirando uma das antiquadas pastas de outra prateleira, Maria acenou com ela para Macedo, sorrindo.

—Eles chamam este lugar de “Pasta Z” —disse. —Uma brincadeira com aquela série de televisão.

Ele não pareceu ter entendido. Ficou ali em pé com uma cara intrigada, e enfim o sentido da coisa toda alvoreceu dentro dele, seu rosto ficou subitamente vermelho, e ele fechou os olhos e deixou o fôlego sair num sopro longo e pesaroso.

—Não é tão mal assim —Maria lhe disse, aproximando-se e estendendo a mão. —Tenho certeza que vamos nos dar muito bem.

Macedo trocou o quepe de braço, e retribuiu o aperto.

—Por que *eu*? —resmungou.

—Faz uns quarenta e cinco dias, o Ministério da Aeronáutica transferiu esta seção que eu dirijo, submetendo-a diretamente à Presidência. Com a nova sala e novo equipamento, eles acharam que eu merecia um reforço. Tinha que ser um militar, e da Aeronáutica, para manter a velha tradição. Isso reduziu as opções para cerca de cem mil homens, eu lamento. — Maria sorriu. — O secretário Sampaio estudou os currículos daqueles que apareceram no computador, em resposta a uma série de pré-requisitos. Foi ele que escolheu o senhor, por razões que não se deu ao trabalho de explicar a *mim*. Pessoalmente, eu pensava que ele escolheria um piloto, mas ele preferiu um PARA-SAR. É verdade que para fazer parte do PARA-SAR o sujeito tem que fazer cem flexões? Você consegue fazer cem flexões?

—Duzentas —ele respondeu. —Mas, quer dizer, um escritório de investigação de OVNI's... Ninguém me disse nada a respeito *disso*.

—O senhor é militar. Vai pra onde é mandado, não é mesmo? E isto aqui é assunto sério, capitão. —Fez um gesto, indicando o espaço em torno deles. —Por que acha que o próprio Presidente da República pediu para ser informado diretamente desses assuntos?

—Estou preso aqui, é o que quer dizer? —Macedo acompanhou com os olhos o gesto dela.

—Isto não é castigo, meu amigo. Talvez seja até uma promoção. —Mas ela mesma não tinha tanta certeza. —De qualquer jeito, não adianta chorar. Sente-se. Faça de conta que está em casa...

Macedo continuou em pé. Seu olhar foi atraído pela parede com os diplomas e comendas de Maria. Cerrando os olhos após passar pelos Ph.D.s em física e química, dedicou vários segundos ao prêmio dado a ela pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

—Deus do céu... —murmurou.

—Você está falando com a melhor mente do ITA, em dez anos —ela disse.

Macedo se sentou.

—E eu vou seguir as suas ordens aqui, senhora... Andreau?

—Isso mesmo. Espero que não se importe de obedecer a uma mulher.

—O secretário Sampaio vai me dar o *briefing* completo disto tudo, não vai?

Maria consultou o relógio de pulso.

—A qualquer momento.

Demorou mais de cinco minutos de silêncio constrangedor até Sampaio aparecer, vestindo o seu indefectível terno verde brilhoso.

Sampaio entrou sem cerimônia e despejou quatro envelopes grossos e deformados com selos e carimbo de SECRETO, cada um deles numerados em ordem de importância, e com os nomes de Dra. Maria Andreau e Cap. Amaro Macedo.

—Está aqui a primeira missão—falou o secretário, com um sorriso de orelha a orelha. —Vocês partem em trinta minutos. Sampaio não disse mais uma palavra, e deixou a sala sem fechar a porta.

Um Cessna 208 Caravan I os esperava no aeroporto de Brasília, dentro de um hangar da Força Aérea. Maria já conhecia o simpático aviãozinho, um monomotor de trens de pouso fixos e um bagageiro saliente na barriga.

Também conhecia o capitão Olavo, que os aguardava diante da porta da aeronave.

—Como vai, Sra. Andreau? —ele a cumprimentou, com um aperto de mão. Macedo foi saudado com uma continência relaxada. —Sua bagagem já está embarcada.

Após a decolagem, Maria apreciou o cuidado de Macedo, em reexaminar o restante dos documentos. Ele havia trocado o uniforme de passeio por um 7.º A mais informal, de calça azul baratêia e camisa meia-manga azul clara. Maria preferiria que ele estivesse à paisana, mas o capitão deixara suas roupas civis num hotel de Brasília.

Divertiu-se com os discretos óculos sem aro que ele usava para ler. Percebendo seu olhar, ele explicou:

—Óculos de leitura. É que eu sou hipermetrópe...

Maria acenou com a cabeça, sorrindo, ela mesma tocando os seus óculos, involuntariamente.

—Esta dotação de equipamento —ele continuou. —É sempre todo esse material?

No compartimento de carga do Caravan I havia duas malas com submetralhadoras Heckler & Koch PDW MP5 e quatro carregadores cheios de munição 9 milímetros, duas pistolas INBEL .380 ACP e carregadores sobressalentes, coletes à prova de bala, dois aparelhos GPS portáteis, câmeras fotográficas e vários tipos de filmes, incluindo infravermelhos, binóculos e visores noturnos, granadas fumígenas e *flares*, *walkie-talkies* de longo alcance, e uma mala tipo Sansonite com um *link* direto a um dos Brasil-Sats em órbita. E Maria tinha ainda o seu *note-book* preto no colo.

—Antes da mudança, éramos só eu e meu caderno de notas. Isso tudo é tão novo pra mim quanto pra você —ela respondeu.

—Alguma razão pra essa... mudança? Essa coisa do presidente e tudo o mais.

Maria deu de ombros.

—Talvez o presidente seja um aficcionado por ufologia, heim? —Piscou para ele.

—O que foi? É assunto classificado? —Macedo insistiu.

—Não. É só um mistério pr'o qual eu não tenho resposta.

O que não era novidade. Todos os seus arquivos, relatórios, exames laboratoriais —toda a sua seção, a “Pasta Z”, era um fiasco em termos de respostas. Mas perguntas... Uau, essas não faltavam.

Esse caso mesmo, que ela e o capitão iriam investigar. Os documentos entregues por Sampaio falavam apenas dessa pessoa, uma mulher chamada Graciela, de 61 anos, moradora da cidade paraense de Macaré, que alegava ter sido abduzida por um disco voador durante duas semanas inteiras. O que havia de extraordinário é que o sargento da PM que registrara a queixa de sua família —e dela, após o seu “ressurgimento” —se dera ao trabalho de fazer um relatório oficioso, que ele resolvera remeter à Aeronáutica.

Embora fato raro, isso não significava nada em termos de justificativa para a mobilização de todos esses recursos. Além do vôo de Caravan até Marabá, com uma escala em São Félix do Xingu, Mato Grosso, para reabastecimento, Maria e o PARA-SAR embarcariam num helicóptero AS565K Pantera do Exército Brasileiro perto de Marabá, e de lá é que voariam para Macaré.

Quanto ao relatório do PM, era um arrazoado confuso, uma obra joyceana de erros de pontuação e ortografia. Poderia confiar no sargento, na Dona Graciela, e nas outras testemunhas que afirmavam terem visto luzes no céu?

Às vezes Maria se arrependia de não ter se desligado da paixão de seu pai pela ufologia. Agora era um pouco tarde demais.

Maria e Amaro Macedo desembarcaram do helicóptero camuflado do Exército num campo de futebol da cidadezinha de Macaré. Um gol antigo da PM do Pará, com marcas estenciladas na lataria e girofléx quebrado sobre a capota, se aproximou deles. Do automóvel desceu um sujeito grandalhão, com uma barriga enorme, vestindo um uniforme todo suado. Estava acompanhado de um civil de ascendência oriental —“ou talvez meio índio”, Maria imaginou.

—Boa tarde —disse o PM. —Sou o sargento Duarte.

Maria e Macedo apertaram a mão dele, e olharam desconfiados para o civil.

—Este é o Mitsuo Hiroi —Duarte apresentou —, um ufólogo de Marabá, que tá investigando o caso.

—Ufólogo, heim —Maria disse, apertando a mão de Hiroi. —Acho que te conheço de nome. Você escreveu *Invasores de Corpos no Brasil Central*, não é mesmo?

—Puxa, a senhora conhece o meu trabalho? Fui eu quem sugeri ao Duarte que comunicasse o ocorrido à Aeronáutica, depois do desaparecimento da Dona Graciela —falou o japonês. —Eu já vinha investigando os aparecimentos de OVNI aqui, faz um tempo, mas esse foi o primeiro caso de abdução registrado na área.

Maria acenou com a cabeça, e olhou para Macedo. O militar tinha o rosto concentrado, os olhos escondidos por um par de óculos escuros de aviador.

—O boletim de ocorrência do sargento tem mais de duas semanas. O senhor teria alguma atualização do caso, a comunicar pra gente? —ela perguntou a Hiroi.

Macedo levantou a cabeça e voltou os óculos escuros para ela. Maria piscou para ele.

—Claro! —disse o ufólogo, parecendo ansioso em falar do assunto. —Vocês não vão nem acreditar.

No carro, sentados no banco de trás, com parte da bagagem no colo ou embaixo das pernas (na mala do Gol não cabia metade do que trouxeram com eles), Maria e Macedo ouviram o que Hiroi tinha a dizer.

Ele abriu uma pasta e entregou a Maria a fotografia de uma mulher madura, de pé em frente ao quartel da PM na cidade, usando um vestido muito simples e sandálias havaianas de borracha. Era magra e sem busto. Sua pele escura grudava-se macilenta aos ossos de seu rosto. O rosto caboclo de uma brasileira, impresso com marcas de privações.

—Esta é a Dona Graciela, não é? —Mas havia alguma coisa estranha na foto, que Maria não podia determinar.

—Isso mesmo. Agora me diga, quanto anos você dá pra ela, aí na foto?

—Sei que ela tem sessenta e um anos, mas aqui eu diria que tem uns cinqüenta, cinqüenta e cinco, no máximo.

—É isso aí. Essa foto foi tirada por mim um dia depois do retorno da Dona Graciela. Agora dá uma olhada nesta aqui.

Na outra foto, uma mulher que lembrava muito a Dona Graciela, mas mais jovem, vestindo roupa semelhante, parada diante de uma casa simples.

—Uma irmã ou... filha, talvez. Esta mulher está na casa dos quarenta.

—Certo... —Hiroi parecia excitado. Ele entregou a Maria outra foto, que ela examinou.

—São parecidas, mas esta pessoa tem trinta e poucos anos.

Hiroi passou-lhe mais uma fotografia. Maria começou a detectar um padrão, pelas datas em números vermelhos digitali-

zados, no pé de cada foto.

—Esta tem vinte e poucos —disse, notando que as roupas pareciam folgadas no corpo magro da moça na foto. —Cada fotografia foi tirada, deixe me ver, num intervalo de três dias uma da outra. E daí? O que isso quer dizer?

Hiroi não disse nada, sorrindo apenas, ao lhe entregar mais uma foto. Havia agora uma adolescente ali retratada. Na foto seguinte, uma menina de uns dez anos. Todas se pareciam muito uma com a outra, como se da mãe para as filhas, na família de Graciela, as fisionomias fossem repetidas de maneira incomumente precisa. Aos poucos, examinando foto por foto, o sentido do que Mitsuo Hiroi propunha foi alvorecendo na mente de Maria.

—Está querendo me dizer que todas estas fotos são da *mesma pessoa*?

Hiroi e Duarte se entreolharam. O japonês se voltou para ela, mais uma vez.

—E não é só isso.

O Gol do sargento Duarte parou na porta do quartel da PM, e todos saltaram, com Maria e Macedo carregando apenas a sua bagagem de mão.

Havia um civil sentado num banco, no interior do prédio. Ele se levantou, com a entrada dos outros. Apertou a mão de Hiroi.

—Este é o meu colega, Moisés Viana —disse o japonês. —Ele também está investigando o caso.

—Vocês fazem parte de uma mesma associação ufológica? —Maria quis saber.

—Nãaa —fez Viana, com uma careta sorridente. —Somos rivais. Meu colega Hiroi aqui cometeu a besteira de falar do seu fantástico caso numa lista de discussão sobre ufologia, na Internet. Como eu estava na região, vim aqui pra roubar o caso dele.

Hiroi não pareceu aceitar bem o modo aberto de Viana.

Macedo também não. Ele puxou Maria para um canto.

—Escute, chefe —disse, e Maria achou graça da forma de tratamento. —Nós temos que agüentar isso? Acho que melhor mandar embora esses civis, e avisar o Duarte de que não queremos mais nenhuma cooperação com esses... *malucos*.

—Não é assim que eu trabalho, Macedo. —Maria tinha a voz firme. —Malucos ou não, esses caras têm mais informações do que o sargento conseguiria levantar, com os recursos da PM daqui. Vamos ver o que eles têm pra nos dizer, depois a gente pensa no que fazer com eles.

Macedo endireitou-se.

—Como a senhora preferir.

Maria voltou para junto dos outros três, e falou para Duarte:

—Tem alguma sala aqui onde a gente pode conversar?

Duarte indicou o caminho.

Em torno de uma mesa de reuniões, toda suja de marcas de café, Maria, Macedo e os ufólogos se sentaram, enquanto o PM foi pedir a um soldado que trouxesse café para todos. Hiroi foi quem começou a falar, mais uma vez apresentando evidências fotográficas para amparar o seu argumento.

—Além do rejuvenescimento aconteceram fenômenos de *poltergeist*, depois da abdução. Veja nas fotos em que estado ficou a casa da família da Dona Graciela...

—O que o senhor Viana pensa desse lado paranormal do caso? —Maria perguntou.

Viana coçou o queixo, conferindo as fotos que ele próprio trouxera, e a transcrição dos testemunhos dos familiares da mulher.

—Também já estudei alguns casos de *poltergeist*, além de conhecer a casuística. O que aconteceu aqui em Macaré é um dos mais fortes já registrados.

Maria se voltou para o capitão, que havia trocado os óculos escuros pelos seus óculos de leitura. Ela entregou a ele algumas das fotos.

—*Poltergeist* é uma palavra alemã pra casos onde se supõe que a mente de uma pessoa possa estar atuando de modo inconsciente, causando efeitos físicos à distância dentro de um determinado espaço, incluindo combustão espontânea, movimentação de objetos dentro da casa, e do espaço exterior à da casa, na direção dela. Algumas hipóteses afirma que isso acontece em associação com a adolescência da pessoa, em geral mulher.

Hiroi quase saltou por sobre a mesa, apontando para as datas em seus relatórios.

—E olha —disse —, a maioria das ocorrências de *poltergeist* aconteceu nos dias em que a Dona Graciela tinha regredido pra idade de uma adolescente.

Maria balançou a cabeça.

—Faz sentido, mas tudo isso é fantástico demais.

—Nunca aconteceu um caso assim, no mundo inteiro. —Hiroi traía uma certa pompa na voz.

—Quando é que vamos poder conversar com a família da mulher? —Maria perguntou a Duarte, que retornava à sala.

—Hoje à tarde, se a senhora quiser. Primeiro eu acho melhor levar as suas coisas pra minha casa, que é onde vocês vão

ficar. Sabe como é, a cidade não tem hotel nem nada.

—Não queremos causar incômodo...

—Não tem incômodo nenhum. O único problema é que só tem um quarto sobrando lá em casa. E uma cama só. O capitão aqui vai ter que dormir no chão.

Maria olhou para Macedo, pensando em que reação ele teria. Mas ele estava entretido demais com os relatórios dos ufólogos.

—Só mais uma coisa — Maria disse, dirigindo-se a Hiroi. — Um dos seus relatórios fala do médico do posto de saúde de Marabá, que teria examinado a Dona Graciela. Eu queria o telefone dele, por favor.

A viatura de Duarte os levou para fora da pequena vila que era Macaré. A moradia dos Costa, a família da Dona Graciela, ficava a mais de meia hora de carro. Moisés Viana seguia atrás, no seu próprio carro, uma *pick-up* D-20.

O terreno era cercado por uma cerca de mourões apodrecidos e arame farpado. Além da casa, havia um chiqueiro, galinheiro, poço, e um rancho para as ferramentas e sementes. Os Costa eram lavradores de subsistência, ao que parecia. Atrás da casa, a selva amazônica fechava o cerco sobre o pequeno enclave agrícola.

Maria obrigara Macedo a deixar junto com a bagagem na casa de Duarte o quepe e a camisa com as insígnias militares. Macedo vestiu uma camiseta branca de educação física, com a barra para fora da calça. Não parecia muito à vontade no uniforme acozambado, mas ela não queria que a farda intimidasse as pessoas. Também obrigou tanto o capitão quanto os ufólogos a abdicarem das máquinas fotográficas desta vez. Um discreto gravador de repórter era tudo o que ela permitiu que fosse levado.

A primeira coisa que notou ao passar pelo portão foi que uma das paredes da casa estava derrubada, numa pilha de tijolos ainda não completamente transferida para alguma distância dali. A abertura fora tapada com um encerado. *Poltergeist*, sim...

Um homem saiu da casa, acompanhado de um bando de crianças de várias idades. Ele gritou para que os cachorros parassem de latir.

Duarte fez as apresentações. O homem parecia atônito e cansado, sem ver realmente os estranhos que invadiam a sua vida já transformada além de qualquer possibilidade de reconhecimento.

Uma voz de criança gritou de dentro da casa:

—Quem tá aí, Chico?

—O Duarte e mais uma gente que vai querer falar com você, mulher — o homem gritou, à porta.

Maria falara com o Dr. Eurípedes de Moura Lima, de Marabá, antes de seguir com Duarte para a casa dos Costa. O médico afirmara que seus exames comprovavam a hipótese do rejuvenescimento. É claro, nada dos exames clínicos poderia dizer o que causava o fenômeno, ou como ele se processava no organismo da mulher. O que o Dr. Lima afirmava dizia respeito à certas marcas e características físicas que continuavam presentes na Sra. Graciela, em cada uma das idades corporais que ele testemunhava, a cada visita a Macaré (o médico só podia ausentar-se do posto de saúde a cada três dias, e visitava os Costa acompanhado de Duarte e de Hiroi). Cicatrizes que Graciela ganhara durante a vida acidentada ali tão longe da civilização, estavam presentes de forma atenuada em seu corpo agora infantil. O tipo sanguíneo era o mesmo, e certas doenças crônicas — uma gastrite persistente, por exemplo — mantinham-se ativas. Lima desconfiava que, se Duarte tivesse os recursos necessários para colher digitais, elas comprovariam que todas as pessoas fotografadas por Hiroi eram na verdade uma única mulher que recuara dos 61 anos para, na última vez que Lima a vira, cerca de oito anos. O médico também disse ter razões para acreditar que o processo de rejuvenescimento se acelerava na mesma proporção do crescimento rápido de uma criança. Não sabia dizer o que aconteceria com Graciela, num caso tão grotesco quanto esse, mas em sua opinião ela chegaria muito em breve à condição de um bebê, perderia a memória, a capacidade de se mover sozinha e de compreender o mundo à sua volta, na medida em que seu sistema nervoso recuaria para uma condição mal-formada.

Maria aprendera com o Dr. Lima que a versão infantil de Graciela Costa mantinha suas capacidades intelectuais muito pouco alteradas, mas não tinha como se preparar para a menina que surgiu à porta da casa, com um pano-de-prato seguro nas mãos minúsculas.

Maria ajoelhou-se diante dela, mirando os olhos castanhos no rosto pueril. Olhando para ela, agora, após ter examinado as fotos e falado como o médico, não havia mais como negar que esta criança era a mulher de 61 anos. Olhou para trás, para a figura de Macedo em pé atrás dela, seus músculos salientes retesados nos braços afastados do corpo — Macedo não desviava os olhos da menina, e tanto sua linguagem corporal quanto a expressão de seu rosto falavam de um choque de absoluta incredulidade.

—Essa é a gente que ‘cê disse que vinha de Brasília pra me ajudar, Duarte? — a menina perguntou.

—É eles mesmo, Dona Graciela. Essa moça aí é a Dona Maria.

Maria apertou a mãozinha que lhe era oferecida.

Até esse ponto, não sabia o que fazer, mas agora uma certeza completa se assentou dentro dela. Desistiu de entrevistar Graciela quanto à suposta abdução. O que importava agora era cuidar dela, com a ajuda de cientistas e de recursos médicos.

—Dona Graciela... — falou, com lentidão e cuidado — aqui não temos recursos pra ajudar a senhora. Por isso a melhor

coisa que a gente pode fazer é levar a senhora, o mais rápido possível, pra Brasília, com a sua família toda, é claro, e tratar da senhora lá. A gente não tem muito tempo.

Graciela anuiu lentamente com a cabeça pequena.

—Se vocês quiser —disse. —Mas eu sei que não vai dar tempo. Não precisa ser estudada pra saber que a minha situação não tem jeito.

Maria se levantou, tirando as lágrimas do rosto, com as mãos. Macedo se aproximou dela, segurando um de seus braços, num gesto de consolo.

—Nós temos que voltar pra cidade —ela disse. —Ligar pra Brasília e acionar hospitais, um Bandeirante em Marabá pra transportar a família dela, um helicóptero maior pra levar todo mundo daqui pra Marabá. E tudo isso com urgência urgentíssima.

Macedo fez que sim.

—E ela, vai com a gente agora? —Ele apontou para a menina.

Uma das outras crianças disse:

—Mãe, fica com a gente!

As outras logo começaram a gritar a mesma coisa, e Maria viu nos olhos do Seu Chico que ele também não queria ser separado de Graciela. Não seria possível, é claro, alojar todos na cidade.

—Não. Vamos deixar como está. —Dirigiu-se então para a menina: —É melhor fazer as malas, Dona Graciela. Se tudo der certo, a gente viaja hoje mesmo.

Maria foi informada que era impossível alocar um Bandeirante para o transporte dos Costa em Marabá. O secretário Sampaio estava tentando um Learjet ou um Siddeley do Grupo de Transporte Especial, o que seria até melhor, em termos de velocidade. Maria exigiu começar o transporte da família imediatamente.

Ela e Macedo recolheram suas malas, ainda não desfeitas, e as enfiaram outra vez no espaço apertado do Gol. O sargento Duarte conseguiu uma caminhonete de um dos comerciantes da cidade, para transportar os Costa e suas coisas de uso pessoal até o campo de futebol onde o helicóptero pousaria.

—Onde está o Viana? —Maria perguntou a Hiroi, quando estavam prestes a entrar no carro.

—Ele falou que tinha que botar combustível, mas que ia encontrar a gente na casa da Dona Graciela.

—O que você faz, quando não está pesquisando casos de ufologia? —perguntou ao ufólogo, já a caminho da casa da família Costa. Macedo não estava com eles no Gol, preferindo o espaço mais arejado da caminhonete.

—Eu sou o proprietário de um supermercado, em Marabá.

—E o seu colega Viana?

—Não faço idéia. Que eu saiba, nem é de Marabá. Aliás, conheço todos os ufólogos da região. Provavelmente ele deve ser do Sul.

“Escute, Maria. Acho que tá claro, nesta altura do campeonato, que eu estou colaborando com vocês, não é?”

—Claro. E eu fico muito agradecida. Por quê?

—É que eu andei pensando... Que talvez você pudesse me contar alguma coisa do que tem —ele baixou a voz —nos arquivos secretos da Aeronáutica.

Maria riu abertamente, no interior apertado do Gol.

—Eu também gostaria de dar uma olhada neles —falou. —Quando me chamaram pra organizar a seção que eu dirijo, o pessoal da FAB só me cedeu uma pequena parte desses arquivos. Nada que vocês da ufologia já não conheçam.

—Ah, certo —ele disse, e Maria compreendeu que Hiroi estava magoado. Tinha realmente sido muito prestativo, e agora achava que ela tentava desconversar. Pensou em asseverar a ele que dizia a verdade, mas seria difícil vencer a aura de paranóia em torno do assunto.

A conversa com o ufólogo a deixou intrigada. Afinal, ela tinha uma ordem presidencial única, que a permitia acionar todos os recursos das Forças Armadas e da Polícia Federal, mas não conseguia acesso aos tais arquivos secretos.

Quando chegaram ao terreno dos Costa, o homem, Chico, saiu correndo para recebê-los.

—Eles levaram a minha Graciela embora —gritou.

—Eles *quem*? —Duarte perguntou a ele, saindo da viatura.

—O outro sujeito que veio com vocês antes, e mais dois homem tudo armado.

Maria se colocou entre o Sr. Chico e Duarte.

—Viana? —disse, e descreveu o ufólogo para o homem assustado.

Enquanto eles conversavam, Macedo saltou da caminhonete e acercou-se deles. Os filhos do casal Costa também vieram para a entrada, e Macedo chamou um dos filhos mais velhos, um jovem de quase vinte anos, para um lugar isolado. Depois de falar com o rapaz por algum tempo, caminhou até o Gol. Abriu a mala do carro e retirou de lá as submetralhadoras e pistolas. Maria o acompanhou com o olhar.

—O que foi?

—Pelo que o rapaz me disse, parece que foram homens bem treinados, com armas automáticas, que levaram a... mulher.
—Macedo ainda tinha dificuldade para aceitar o que acontecera à Dona Graciela.
—O Sr. Chico aqui diz que os caras fugiram em dois carros, naquela direção. —Apontou para a floresta. —Mais adiante tem uma estrada.
Maria se dirigiu ao policial militar.
—Nós vamos no seu carro. Agora eu quero que toda a família suba na caminhonete e volte com o motorista e com o Sr. Hiroi pra' a cidade.
—Por que eu não posso ir junto? —Hiroi perguntou.
—Porque a gente pode ter que usar isto —Macedo interveio, brandindo a submetralhadora. —Não é hora pra ter civis por perto.

Macedo ia no banco da frente, com Duarte.
—Aonde leva essa estrada? —perguntou.
—Pra madeireira do Ferraz —o PM respondeu.
—Quem é esse?
—É o prefeito da cidade. O homem mais rico do lugar. Cortar madeira é um bom negócio por aqui.
Macedo lançou um breve olhar para Maria, por cima do ombro.
—Escuta, tem pista de pouso nesse lugar?
—Tem sim, por quê?
Macedo fez um sinal, apontando o *walkie-talkie* que Maria tinha no colo. Ele se comunicava com o Pantera que eles já tinham feito decolar de Marabá. Ela fez contato com a aeronave e pediu para que ela ficasse alerta quanto a qualquer avião ou helicóptero não-identificado, na área. Maria pediu ainda que o comandante do Pantera ficasse alerta para pousar nas coordenadas que ela iria fornecer a qualquer momento.
—Positivo —veio a voz pelo *walkie-talkie*.
O Gol de Duarte rodava sobre campinas onduladas e entre árvores. Finalmente eles chegaram até a estrada —um caminho de terra batida, estreito o suficiente para permitir a passagem de um veículo apenas. Macedo logo encontrou as marcas de pneus dos dois carros que eles perseguiam.
—Um seguiu adiante, o outro foi na direção oposta —disse.
—Pra lá vai dar em Macaré —Duarte esclareceu.
Macedo e Maria se olharam por um instante. O que fazer agora?
—Meu palpite é que os dois homens foram pra pista de pouso, com Graciela —Macedo disse. —Viana voltou pra cidade —ou seguiu com um dos comparsas, e o outro voltou.
—Por quê? —ela perguntou.
—Não sei. Mas se a gente quer recuperar Graciela, temos que ir pra lá —apontou para o caminho que levava à madeireira.
Maria empunhou o rádio-comunicador, mais uma vez. Na outra mão tinha o GPS. Cantou as coordenadas para dentro do aparelho.
—Tem uma estrada perto destas coordenadas —disse. —Qualquer carro que não seja um Gol e que esteja trafegando para o oeste, nessa estrada, deve ser detido e os passageiros apreendidos pra interrogatório. Mas sem violência, entendido? Câmbio.
—Positivo. Câmbio.
Maria fez sinal para que Macedo e Duarte voltassem para o carro.
—Vamos para a madeireira —ordenou.

Antes de chegarem à madeireira do prefeito Ferraz, viram um bando de homens correndo pela estrada, vindos da direção oposta.
Macedo meteu a cabeça para fora da janela e gritou:
—O que foi?
Um dos homens parou e apontou para adiante.
—Uns sujeitos armados invadiram a madeireira.
—Tinha uma criança com eles? Os caras chegaram num carro, não é?
—Não. Esses chegaram depois —o homem disse. —Primeiro desceu um avião preto na pista de pouso...
—Vamos embora, Duarte! —Maria gritou. —A gente não pode perder tempo!
O avião preto era um bimotor Casa C-212 Aviocar, uma aeronave de transporte não maior que um Bandeirante, com dois enormes tanques de combustível externo sub-alaes. Era realmente pintado de preto —ou melhor, um tom muito escuro e fosco de cinza. E Maria viu que o nariz e a parte de cima da fuselagem tinha a suas linhas quebradas por carenagens que se

sobressaíam como calombos. Nenhum número de matrícula ou marca de qualquer espécie era visto na fuselagem. Havia um homem vestido de negro, com uma máscara escura no rosto e um fuzil automático nas mãos. Ao perceber o surgimento do automóvel, ele gritou algo para dentro do avião e levantou a arma.

Macedo puxou o volante para a direita, e a viatura de Duarte saiu da estrada e bateu contra uma pilha de toras de madeira —algumas mais grossas que a largura do automóvel — e se imobilizou.

—Pra fora do carro, rápido! —Macedo gritou, enquanto Maria ouvia o som de projéteis atingindo as toras e a parte exposta do Gol. —Por aqui, Duarte! —Macedo o arrancou pelo lado do passageiro, e em seguida levantou o banco para que Maria pudesse sair.

Ela saiu com a MP5 nas mãos. Com Macedo à testa e Duarte fechando a retaguarda, eles contornaram as toras de madeira. Agora o ar se enchia com o rugir dos dois motores do C-212. De repente, Macedo estacou.

—Vamos precisar do helicóptero! —gritou para Maria.

Quando ela terminou de falar com o Pantera, o avião desconhecido decolou, passando acima de suas cabeças numa nuvem de poeira amarela arrancada da pista de pouso de terra batida.

Macedo correu até Maria e falou, num tom ansioso:

—O que mais você consegue fazer com esse aparelhinho? —Apontou o *walkie-talkie*.

—Estamos no alcance dos Mirages de Anápolis, mas seria um pouco de exagero, não acha?

Ele sorriu e sacudiu a cabeça.

—Tudo bem, eu já estou impressionado —disse. —Que tal uns Tucanos de Manaus? Só pra não perder os caras de vista.

—Fechado.

Maria plotou três rotas alternativas prováveis para o avião desconhecido, a partir do ponto de partida, na tela do seu *lap-top*, e passou as rotas para as três esquadrilhas de Tucanos de ataque que havia requisitado. Ela havia até mesmo determinado o perfil dos armamentos que as aeronaves iriam carregar —nada de mísseis ar-ar, que poderiam abater um avião com um único disparo, mas pods de metralhadoras, que poderiam fazer um estrago mais localizado, obrigando o inimigo a pousar.

Falando do Pantera do Exército, ela iria dirigir a caçada. Já estavam no ar, voando a trezentos e cinquenta quilômetros por hora, na direção em que acreditavam que os seqüestradores tinham rumado. O crepúsculo se aproximava.

—Aquela pintura escura... —Macedo comentou, lembrando a estranha figura do C-212.

—Provavelmente uma tinta especial —Maria disse — que absorve ondas de radar. E aqueles calombos na fuselagem deviam ser emissores de contra-medidas eletrônicas. Esses caras chegaram até aqui de algum modo, passando pelos radares do SIVAM. De onde você acha que eles vieram?

—O avião é de fabricação espanhola, e algumas forças aéreas da América do Sul empregam ele. Mas isso não quer dizer nada. Pela tecnologia de vôo furtivo da qual a gente tá falando, eu apostaria nos americanos.

Maria não respondeu. Estava trabalhando em um outro gráfico na tela do computador. Se fossem americanos interferindo num caso ufológico, talvez estivesse aí a resposta para a transferência da Pasta Z para a supervisão da Presidência.

—Que gráfico é esse? —Macedo perguntou.

—Uma estimativa da taxa de... —ela parou para pensar —rejuvenescimento da Graciela, comparado aos dados da velocidade de crescimento das faixas etárias pelas quais ela passou e está passando. Se a velocidade do rejuvenescimento é proporcional à do crescimento, mas multiplicada por uma ordem de... —Maria digitou alguns números e pressionou *enter*.

—O que foi? —perguntou Macedo, notando o seu silêncio.

Maria levantou os olhos do *lap-top* para o rosto dele.

—Eu estava errada —disse. —Mesmo que estivéssemos voando agora para Brasília, o que quer que seja o destino final do processo que ela está sofrendo, ia acontecer durante o vôo. Como vai acontecer, durante este vôo...

Os dois permaneceram em silêncio, apenas se olhando, cada um entregue ao seu próprio pensamento.

O *headphone* que Maria tinha pendurado no rosto estalou.

—*Harpia para Controle-Ar: Alvo no visual. Câmbio* —ouviu a voz metálica do chefe da esquadrilha de Tucanos dizer. “Harpia” era o seu código de chamada, empregado em referência à maior ave de rapina da Amazônia.

Harpia lhe forneceu as coordenadas, e Maria rapidamente as passou para o piloto do Pantera. O helicóptero inclinou-se para adiante e disparou na direção indicada, a mais de trezentos quilômetros por hora. Enquanto isso, Maria ordenou aos Tucanos armados que iniciasse os procedimentos de interceptação.

—Controle-Ar aqui. Tente forçar uma diminuição da velocidade do alvo pelo menos, se ele não responder às suas ações —ordenou.

Alguns minutos se passaram, antes de nova comunicação dos Tucanos.

—*A aeronave não obedeceu aos nossos comandos. Permissão para abrir fogo? Câmbio.*

—Negativo. Repito, negativo permissão para abrir fogo contra a aeronave. Faça disparos de aviso. Câmbio.

Alguns instantes de silêncio tenso, e então:

—*Disparos de aviso efetuados. Aeronave diminuiu velocidade, mas continua no curso. Aguardo ordens, Controle-Ar: Câmbio.*

Maria refletiu. Graciela estava no avião —e os seus tripulantes desconhecidos contavam com esse trunfo. Pensavam que nunca ordenaria que a aeronave furtiva fosse abatida, com ela no seu interior. E estavam certos.

—Faça o que puder para retardá-los —ordenou para dentro do microfone. —Mas sem disparos diretos contra eles. Quero também que fotografe a aeronave. Câmbio.

—*Positivo, ordem não efetuar disparos diretos. Atenção, novo alvo no visual. Sem resposta nos radares de busca e tiro. Alguma informação sobre o recém-chegado? Câmbio.*

Que diabo seria?

—Não. É novidade para nós também. Pode descrever o alvo, Harpia? Câmbio.

—*Negativo. Está oculto por nuvens pesadas. É só um reflexo metálico, mas definitivamente em movimento, paralelo ao nosso curso. Confirmado também pelos meus alas. Ordens, Controle-Ar? Câmbio.*

Macedo interveio:

—Ele pode dispor de um ala para fazer o reconhecimento... —sugeri.

—Boa idéia —Maria disse, e para dentro do microfone: —Atenção, Harpia. Destacar um dos seus alas para reconhecer o alvo número dois. Proceder com cautela. Aproximação cautelosa. Fotografe o objeto, quando possível. Câmbio.

—*Positivo, Controle-Ar. Câmbio.*

—O que acha que pode ser essa nova aeronave? —Macedo interrogou Maria. —Acha que esses caras teriam algum tipo de interceptador oculto na mata, nalgum ponto intermediário do seu curso, pra ser acionado num caso desses? Com quem é que estamos lidando?

—Não sei, Macedo. Que esta é uma operação realizada com preparação prévia e detalhada, parece claro. Também que essa gente dispõe de grandes recurso, incluindo uma pista clandestina e um hangar, onde o avião ficou até ser solicitado.

Os dois foram interrompidos por um chamado do piloto do Pantera.

—Temos aeronaves captadas pelo radar à frente. A esquadrilha de Tucanos e o alvo número um.

—Algum registro do alvo dois? —Maria perguntou.

—Não, senhora. Mas nós devemos entrar em contato visual nos próximos quinze minutos.

Maria podia ver como os Tucanos da FAB conseguiam forçar o bimotor desconhecido a diminuir a velocidade em vôo, sem abatê-lo a tiros —os ágeis aviões turbo-hélice se atiravam contra o C-212, obrigando-o a alterar seu curso, perder altitude, e retornar, num permanente zigue-zague, ao seu curso anterior. Maria admirou a audácia dos pilotos.

Ao longe e a oeste, nuvens escuras deixavam vaziar as cores fortes do crepúsculo. Em pouco tempo não teriam mais visibilidade.

—Alguém consegue ver a segunda aeronave desconhecida? —ela perguntou aos pilotos do helicóptero.

Eles observaram por algum tempo, e então o co-piloto apontou para nordeste.

—Lá está um dos Tucanos!

Maria também viu o elemento mais destacado da esquadrilha de Tucanos ziguezagueando entre as nuvens. Não muito longe dele havia uma forma brilhante, como o sol, oculto por nuvens pesadas —mas o sol estava a oeste, e este objeto claramente estava próximo e dentro da atmosfera da Terra.

Agora, diante do quadro completo da situação, o que poderia fazer? Não poderia manter-se assim por muito tempo.

Seus dedos seguraram, de modo inseguro, o microfone dos seus *headphones*. Pediria um *briefing* do comandante da esquadrilha de Tucanos. Talvez terminasse sendo necessário efetuar disparos contra o avião desconhecido —alguns tiros contra o leme talvez o forçasse a pousar —mas onde? Lá embaixo era apenas o vasto e monótono tapete da floresta amazônica.

—*Aqui Harpia para todas as aeronaves* —Maria ouviu nos fones. —*Afastem-se do alvo um, imediatamente. Repito, afastam-se do alvo um, imediatamente. Alguma coisa está acontecendo com o alvo... Um brilho estranho partindo do seu interior. Pode ser um ataque!*

De repente os Tucanos que acompanhavam o C-212 se afastaram, arremetendo para todos os lados.

Agora ela também via o brilho forte brotando das janelas do avião — forte luz branca, como a chama de uma tocha de acetileno, em contato com uma superfície metálica. O brilho cresceu de intensidade, um fulgor revelando o chapeamento do avião, tornando-o translúcido. O aparelho foi totalmente envolvido pela luz, obrigando Maria a esconder os olhos com as mãos.

E aquele cometa incandescente se precipitou para a mata lá embaixo.

Depois que o contador Geiger subiu pelo cabo retrátil do Sikorsky Black Hawk do Exército Brasileiro, revelando ausência

completa de traços de radiação no ponto em que o C-212 havia caído, o capitão Macedo foi baixado pelo mesmo cabo, num rapel em que ele pôde exibir suas habilidades de PARA-SAR. Vinte e quatro horas se passaram, desde a frustrada interceptação da aeronave desconhecida que seqüestrara Graciela Campos. O único vestígio da queda do avião era uma cratera aberta no tapete verde da mata. Fotografias aéreas não mostraram nenhum escombros do avião propriamente dito —apenas a marca do seu choque contra a floresta.

Enquanto Macedo fotografava o local, a partir do solo, Maria tinha em seu colo um maço de fotos batidas pelos pilotos dos Tucanos, durante a interceptação. Muitas fotos do C-212, que não a ajudavam em nada. As fotos do alvo N.º 2, o estranho globo luminoso não-identificado, eram tão esclarecedoras quanto às do avião escuro, porém *muito* mais interessantes.

Havia um objeto sólido no interior do globo luminoso, um objeto que podia muito bem ser uma arma secreta norte-americana —ou russa, como brincava a mitologia ufológica. Ou que poderia ser outra coisa.

Desconfiava que as fotos de Macedo também não revelariam coisa alguma. A explosão do C-212 fora qualquer coisa desconhecida da experiência humana —aquela incandescência sem chamas, o desaparecimento total do avião e de seus escombros em terra. Agradeceu a Deus por Graciela não estar no helicóptero com ela e Macedo, no instante em que o acelerado rejuvenescimento de seu corpo encontrou o momento zero. Talvez eles também teriam desaparecido para sempre na explosão silenciosa. Nessa direção que suas suspeitas se inclinavam.

O mistério a incomodava. Mas não tanto quanto a nota trágica de tudo —a perda talvez inevitável de Graciela Costa, e perda não tão inevitável de Mitsuo Hiroi. Ainda no mesmo dia do desaparecimento da mulher e da atribulada interceptação aérea, o sargento Duarte conseguira estabelecer contato com Maria e notificá-la que o corpo de Hiroi havia sido encontrado, à tarde em um córrego de Macaré, com dois tiros certeiros no coração. Nenhum dos documentos colhidos por ele durante as investigações do caso Graciela, foram encontrados.

Maria suspeitou imediatamente de Vieira, e disse isso ao policial, que prometeu investigar. Ela, porém, tinha suas dúvidas de que o suspeito jamais seria encontrado.

Por que matar Hiroi? Teria o ufólogo guardado em segredo informações sobre o caso, que não revelara a ela? Vieira, talvez um agente a serviço dos Estados Unidos, gostaria de pôr as mãos nesses segredos, e impedir que o governo brasileiro tivesse acesso a eles.

E quanto a Graciela, teria a morte sido também o seu destino?

Maria deixou-se fantasiar. Suas fantasias eram uma mistura de temas da ficção científica e a errática especulação que marcava a ufologia. Teria o OVNI que parecia ter acompanhado a perseguição aérea interferido no último momento, teletransportando o seu experimento humano —Graciela Campos —para longe do perigo, e a preservado em vida? Ou a explosão de luz e a desmaterialização de tudo em redor teria sido apenas o efeito externo do impossível contrário do momento da concepção? Se há um tranquilo milagre no momento em que as células, disparadas pelo encontro de óvulo e espermatozóide, não haveria um ruidoso milagre —um ostensivo ato de desaparecimento —no seu inverso?

Gostou da idéia. Combinava com o imponderável estoicismo que a estranha figura da mulher madura transformada em criança pequena exibira em seu único encontro.

Maria Andreau foi para a porta lateral do Black Hawk, para receber de volta a figura balouçante do capitão Amaro Macedo.

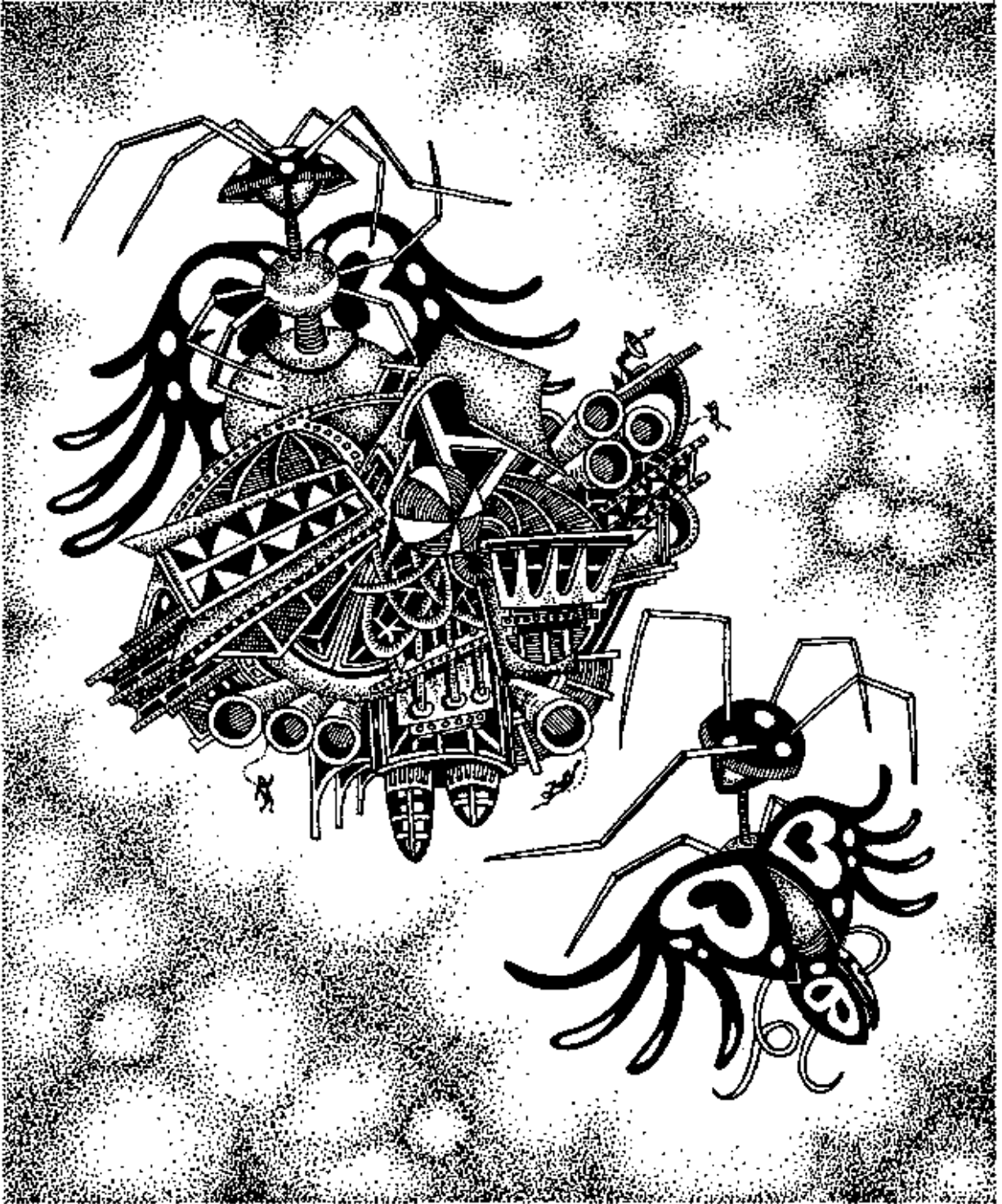
Ela tinha um sorriso nos lábios, quando ele apareceu.

Brasília, 15 de fevereiro de ...

Ainda estudamos os dados coletados do Caso Graciela Costa. Claro, nada de conclusivo. Nada chegou também da Polícia Federal e sua investigação do assassinato de Mitsuo Hiroi. Além da carta de pesar que enviei à família de Graciela, também uma para a jovem esposa de Hiroi. Viana não foi encontrado ainda, em parte alguma do território nacional (minha suspeita é de que ele é o assassino). Na comunidade ufológica, já se fala do seu desaparecimento como uma ação do governo brasileiro — irônico, mas inevitável.

A única coisa positiva parece ser o fato de que Amaro tomou gosto pela coisa, e não fará mais objeções a permanecer na Pasta Z.

Acho que ele e eu trabalhamos bem, juntos...



—14/96 ACHIMA

SOMNIUM



CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês, das 15 as 18 horas,
no Clube dos Engenheiros, Rua José Paulino nº 7, São Paulo/SP
(próximo à estação Luz do Metrô).

Toda a correspondência deve ser encaminhada para
Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

Visite nossa nova página na Internet: <http://members.tripod.com/~CLFC>